
AMOROSAS REFLEXÕES: AUTOESTIMA FEMINISTA COMO RECURSO PARA DISPUTAS NARRATIVAS SOBRE O AMOR ROMÂNTICO

LOVING REFLECTIONS: THE FEMINIST SELF-ESTEEM AS A RESOURCE FOR DISPUTES OF NARRATIVE ABOUT ROMANTIC LOVE

Vera Martins¹

<http://lattes.cnpq.br/1066007198431381>

<https://orcid.org/0000-0003-4412-6476>

Recebido em: 21/02/2022

Aceito em: 07/07/2022

RESUMO: Este texto apresenta uma reflexão que articula o conceito de autoestima feminista (LAGARDE, 2001a) com reflexões do campo da Comunicação (CASTELLS, 2013; WINOCOUR, 2011), em especial sobre os usos de mídias sociais, para sinalizar estas como espaços de visibilização de outras narrativas pessoais sobre o amor, consideradas coletiva e publicamente. A construção da autoestima é apresentada como uma chave interpretativa para as experiências de dor e violência das mulheres no campo amoroso. A abordagem metodológica é inspirada na hermenêutica crítica feminista (FIORENZA, 2009) e tem como base de observação os relatos de mulheres em fanpages e perfis feministas no Facebook e Instagram. A leitura feminista e comunicacional dos relatos aponta que é necessário dar visibilidade aos recursos narrativos que permitam a elaboração de outra compreensão do que é e do que pode significar ser mulher e amar. Esta elaboração passa pela disputa narrativa sobre o que acontece com as mulheres na esfera amorosa ao publicá-las, e a proposição de elementos para a imaginação criativa sobre os amores que as mulheres podem viver. Esses elementos já estão presentes na produção feminista e circulam nos relatos das mulheres nas mídias sociais em forma de reflexões, questionamentos e atitudes.

Palavras-chave: Feminismo. Mulheres. Amor. Mídias Sociais.

ABSTRACT: This paper presents a discussion that articulates the concept of feminist self-esteem (LAGARDE, 2001a) with reflections from the field of Communication (CASTELLS, 2013; WINOCOUR, 2011), especially about the uses of social media in order to signal these as spaces of visualization other personal narratives about love. The construction of self-esteem is presented as an interpreting key to women's experiences of pain and violence in the field of love. The methodological approach follows the Feminist Critical Hermeneutics (FIORENZA, 2009) and is based on the observation of reports written by women on fan pages and feminist profiles on both Facebook and Instagram. The feminist and communication al reading of the reports points out that it is necessary to give visibility to the narrative resources that allow the elaboration of another understanding of what it is and what it means to be a woman and to love. This elaboration is present in disputes

¹ Doutora em Comunicação Midiática pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, docente do Departamento de Ciências da Comunicação da mesma instituição – campus Frederico Westphalen/RS. E-mail: martins.verissima@gmail.com.

of narrative about what happens to women in the love sphere when they publicize these narratives, and in the proposition of elements for the creative imagination about the feelings of love that women can experience. These elements are already present in the feminist production and circulate in the accounts of women in social media by means of reflections, questions and attitudes.

Keywords: Feminism. Women. Love. Social media.

DORES DE AMOR NAS MÍDIAS SOCIAIS

Em 2015 comecei a estudar para elaborar o projeto que submeteria ao processo seletivo de pós-graduação, doutorado em Comunicação. Seguindo minha trajetória acadêmica e de militância social, quis dar continuidade a articulação desta área do conhecimento com os Estudos Feministas e os Estudos de Gênero. Meu desejo era refletir sobre os usos das mídias sociais² por mulheres, e para compreender as possibilidades de problematização, dediquei meus primeiros esforços a observar a presença das mulheres nas mídias. Nesse movimento de observação me deparei com muitos grupos de mulheres em plataformas como Facebook e Instagram, evidenciando o que chamei, durante alguns exercícios exploratórios, de presença organizada de mulheres nas mídias.

O acompanhamento das diversas postagens³ foi mostrando que esses espaços on-line têm um significado importante para as mulheres porque, atualmente, se configuram como uma possibilidade de falar de suas experiências, sendo um lugar de escuta, trocas, pedidos e oferecimentos de ajuda e apoio. E, muito especialmente, de reconhecimento e de identificação a partir do compartilhamento de diversos assuntos e experiências. Entre tantos assuntos que aparecem nos relatos que as mulheres fazem nessas páginas, os que se referem aos seus relacionamentos afetivos-amorosos-sexuais é o mais comum⁴. É um tema que impulsiona e mobiliza as mulheres a se expressarem, a exporem suas vulnerabilidades e que traz uma marca persistente: suas experiências afetivas estão atravessadas por diversos níveis de violências. Em alguma medida, em algum momento dos relacionamentos, todas as mulheres relatam sofrimentos psicológicos, sexuais, emocionais, ameaças de perdas patrimoniais, entre outras expressões de violências.

A constatação do peso desta realidade na vida de tantas mulheres também me colocou diante do repertório teórico produzido por estudos de mulheres e estudos feministas sobre o tema, como as produções de Marcela LAGARDE (2001a, 2001b), Mari Luz ESTEBAN (2011), Milena CASEROLA (2012) e Eva ILLOUZ (2013; 2019). Mesmo diante da evidência do campo, não levei adiante tal problemática na construção do meu estudo, fiz outras escolhas. Mas a realidade se impõe e nos meus movimentos de

² Para este trabalho vou adotar a terminologia mídia social, conforme empregada por Miller et al. (2016), por ser o termo coloquial usado pelo público geral. Esta expressão não é um rótulo científico, mas um termo popular “sujeito aos caprichos da semântica pública”.

³ Minhas observações e reflexões são baseadas em perfis como: Ajudem aquela: <https://bit.ly/31fe6EA>; Mas ele nunca me bateu: <https://bit.ly/2YmrWdf>; Soltos S.A: <https://bit.ly/3kX9jzo>; Vamos juntas: <https://bit.ly/2YmsbOF>. Acesso em agosto de junho de 2021.

⁴ A grande maioria dos relatos observados nas redes sociais se referem à relações amorosas vividas por mulheres cisgênero, em relacionamentos heteronormativos: este não foi um recorte intencional das postagens, nem o aspecto identitário será problematizado no texto. Estou ciente de que, embora o aporte teórico do texto possa também ser acionado para refletir sobre relacionamentos em outras matrizes identitárias, uma análise neste sentido levaria a outras interpretações.

trabalho, a educação, os relacionamentos afetivos só emergem na cena pública como um detalhe – uma descrição marginal, quando são constatados e investigados casos de violência. Nesse contexto, é comum que as notícias produzidas sobre violência doméstica ou feminicídios apresentem nos seus textos frases soltas como: “o assassino era marido da vítima”; “o agressor era pai dos filhos da vítima”; “foi agredida pelo namorado”. Esta é a associação perversa – entre amor e violência – que os discursos midiáticos hegemônicos naturalizaram.

Diante disso acredito que precisamos, desde os pontos de vista feministas, estabelecer clara disputa de versões sobre o tema; reivindicando a construção e oferta de narrativas, especialmente para as mulheres, disponibilizando outras narrativas sobre os acontecimentos amorosos, como recurso para outra compreensão e nomeação dos sentimentos, e para o estabelecimento de relacionamentos em outras bases. Este movimento de disputa passa por tornar mais acessíveis e fazer circular também nas mídias sociais todo repertório já existente, a fim de que possam ser acessadas como recursos de acolhimento, reconhecimento, fonte de análise e de mudança pessoal e coletiva. Sobre o uso dessas mídias a pesquisadora Giovana Xavier afirma (2019, p. 17):

As repostas a essa forma inovadora de comunicar os conhecimentos acadêmicos transitam da aceitação e reconhecimento à rejeição e à desautorização. Um desperta de afetos extremos que revela disputas narrativas tanto na academia quanto no espaço público sobre o que é conhecimento e quem está autorizado a produzi-lo.

Assim, é fundamental assumirmos este tema – que correlaciona o amor e seus diversos desdobramentos – como dignos de investimento investigativo, de acordo com a centralidade dos relacionamentos, das noções de confiança, afetividade, parcerias e sexualidade na vida das mulheres.

ABORDAGEM METODOLÓGICA: PARA DAR NOMES AO SENTIR⁶

A partir da temática apresentada, o objetivo deste texto é articular o conceito de autoestima feminista, conforme proposto por Marcela Lagarde (2001a) como uma chave interpretativa para as experiências de dor e violência das mulheres no campo amoroso, com reflexões do campo da Comunicação, nos aspectos relacionados aos usos de mídias sociais, para sinalizar estas como espaços de visibilização de outras narrativas possíveis – pessoais, coletivas e públicas - sobre o amor. Nesse contexto de articulação teórica estou considerando duas vertentes que se cruzam e se afetam nessa reflexão.

Em primeiro lugar, parto do reconhecimento das mídias sociais como espaço em que as mulheres se sentem convidadas a partilhar suas experiências e, ao fazerem isso, empregam

⁶ Nas reflexões propostas neste texto, me alinho ao pensamento decolonial, que é uma corrente teórica de crítica à modernidade e ao projeto de colonização empreendido pelas potências europeias nos territórios que hoje conhecemos como África, América e Ásia. Essa abordagem já tem um repertório consolidado de ações, tanto acadêmicas como militantes, mas reúne uma mirada específica, produzida no contexto do pensamento sul-americano sobre o tema. O traço comum das diferentes correntes desse pensamento crítico é o entendimento de que o projeto colonial não se encerra com os processos de independência dos países colonizados, mas que ele se modifica e se adapta para seguir reproduzindo relações de dependência. No contexto sul-americano autoras e autores, tais como Alejandro DE OTO (2017), Eduardo D VALDÉZ (2017), Linda Martín ALCOFF (2016), Luciana BALLESTRIN (2016), Maria LUGONES (2014) sustentam que os colonialismos na América produziram uma matriz de poder. Tal poder funciona como uma estrutura de longa duração e na conformação da “colonialidad”, estruturada na tripla relação entre sexo, classe e raça. Como estrutura, a colonialidad é constitutiva das formas sociais históricas da modernidade, é o seu correlato e “no solo afectan las relaciones sociales sino también las dimensiones epistémicas y filosóficas”. (DE OTO, 2017, p. 14).

ideias e conceitos feministas e dos estudos de gênero para organizar seus relatos. Depois, compreendo que as mídias sociais precisam, cada vez mais, serem ocupadas de intelectuais feministas, a fim de democratizar o acesso a suas produções a partir de apresentação de conteúdos de forma acessível a mulheres de todas as classes sociais.

Estudos sobre as mídias sociais apresentam este campo comunicacional marcado pelas tecnologias digitais, dando visibilidade à polifonia do nosso tempo, suas descontinuidades e não linearidades. Nessa mesma ágora eletrônica convivem o ativismo feminista e o conservadorismo mais violento e machista. O tempo acelerado do intenso uso dos dispositivos móveis, suas linguagens em constante atualização e mudança, são reveladores tanto da agência das/dos sujeitos quanto da incapacidade das instituições de dar respostas à persistência das injustiças e desigualdades.

Uma das faces dessas injustiças se reflete na construção das subjetividades das mulheres. E é como parte desse cenário que a autoestima das mulheres se concretiza, devendo ser compreendida dentro de um conjunto de crenças ligadas a desejos, emoções e afetos:

Es una conciencia del Yo en el mundo y, por ende, es también una visión del mundo y de la vida. Y en la dimensión subjetiva afectiva, la autoestima contiene las emociones, los afectos y los deseos fundamentales sentidos sobre una misma, sobre la propia historia, los acontecimientos que nos marcan, las experiencias vividas y también las fantasiadas, imaginadas y soñadas. (LAGARDE, 2001a, p. 29)

É também desde este cenário em que as mulheres experimentam seus relacionamentos, que mesmo vivenciados de forma pessoal, estão inseridas em uma cena coletiva. Como pessoas socializadas numa sociedade de pensamento hegemônico ocidental, masculino e branco, fomos educadas nos roteiros do amor romântico, treinadas nos scripts dos contos de fada e precisamos de novos recursos – produzidos desde outra matriz de pensamento – para elaborar e nomear o conjunto das nossas emoções.

Este artigo é um convite a um exercício de imaginação criativa, com movimentos de desconstrução e reconstrução de narrativas sobre esse aspecto de nossas vidas. Como abordagem metodológica, me oriento nas teorias propostas por Elisabeth Fiorenza (2009), que desde sua hermenêutica crítica feminista, nos desafia a sonhar o mundo que almejamos. Quando a autora se utiliza da noção do sonho, longe de estimular movimentos ingênuos, está chamando atenção para a profundidade do contexto de desigualdades globalizadas (FIORENZA, 2009). Esta persiste e se atualiza com tanta agilidade e estratégia, exigindo do pensamento crítico uma integralidade igualmente profunda no seu fazer.

Graças a nossas capacidades imaginativas podemos nos colocar no lugar de outras pessoas, conectar-nos com seus sentimentos e participar de duas decisões e lutas. A imaginação histórica nos permite ver as lutas de mulheres no passado e estabelecer conexões com nossas próprias lutas. (FIORENZA, 2009, p. 202).

Esse giro interpretativo pode trazer à tona a capacidade de conceber mudanças e perceber como as situações podem ser mudadas. Na perspectiva da autora, é a hermenêutica da imaginação que celebra as pessoas que trouxeram a mudança (FIORENZA, 2009), na condição da imaginação criativa se articular assim ao compromisso de promover um mundo justo para as mulheres.

No que diz respeito à organização, o texto está dividido em 3 partes. Estas são inspiradas em uma afirmação da artista mexicana Frida Kahlo (Jussara GASPARELLO, 2019)

relacionando sua obra com sua vida: “Pinto o que me dói, o que me revolta e o que me liberta”. Esta afirmação carrega evidências tanto da nossa vulnerabilidade, quanto da nossa agência enquanto mulheres, que como atrizes sociais elaboramos nossas experiências.

As próximas etapas do texto relacionam os seguintes conteúdos: em “Dos recursos para nomear a dor” apresento os dois primeiros aspectos das reflexões: a abordagem metodológica e abordagem contextual das vivências de dor e violências das mulheres no campo afetivo. A etapa “Sobre organizar a revolta” se direciona para a abordagem feminista sobre a autoestima, apresentando as noções de sincretismo e sintonia; finalmente, em “Condições para viver a libertação” abordo o lugar das mídias sociais na disputa da narrativa sobre o amor, e também sintetiza as contribuições da abordagem feminista e da comunicação para pensar os valores e uma ética para uma disputa narrativa sobre o que acontece com as mulheres em seus relacionamentos amorosos⁷.

DOS RECURSOS PARA NOMEAR A DOR: AS ROUBADAS DA VIDA AMOROSA

As “roubadas” da vida amorosa são um dos tópicos mais citados em conversa de bar. A ela se acresce também os relatos que revelam o entendimento das mulheres de que não estar em relacionamento, é um sinal de fracasso social; o que as leva a se colocarem em relações, qualquer uma, para não estarem “sozinhas” (SOLTOS S/A, 2020, on-line). Se levamos em consideração tal afirmação, não é de causar estranhamento os relatos das mulheres, nas mídias sociais, estarem permeados por experiências amorosas dolorosas e violentas. É fato, também, que a observação do perfil destas mesmas mulheres nem sempre corresponde ao de pessoa dependente economicamente dos seus parceiros/agressores, o que muitas vezes é usado como explicação para a permanência em relacionamentos abusivos/violentos. A pesquisadora Giovana Xavier (2019, p. 31) alerta:

Em muitos casos, a ascensão e o reconhecimento profissional que conquistamos está em desequilíbrio com as relações afetivas que estabelecemos com os homens. Isso me leva a pensar que os movimentos feministas – onde me incluo – precisam priorizar em suas agendas o fato de que sua decoração de interiores está em desarmonia. Repletos de ativistas que lacram em espaços de trabalho que vivenciam no privado relacionamentos desastrosos, baseados em padrões do tempo em que o Brasil era colônia portuguesa.

Dentro desse contexto, é interessante refletir sobre a formação desse estado social, mental e emocional que faz com que as mulheres se coloquem no lugar de renunciar, ou de não reivindicar, um tratamento justo e uma experiência prazerosa em seus relacionamentos. Lagarde (2001a), ao propor uma abordagem feminista da autoestima, compreendida como uma “problemática vital” na vida das mulheres, relaciona a mesma com o modo como as mulheres vivem suas questões íntimas e pessoais, o que permite uma ligação desse conceito como possibilidade de análise e compreensão das vivências amorosas das mulheres.

Para compreender como essa problemática se instala, a autora começa por dar visibilidade a algumas abordagens sobre a autoestima. A primeira ela chama de mercadotécnica, conformada numa perspectiva conservadora e patriarcal. Aqui as mulheres recebem um estímulo ideológico ao individualismo, com incentivos

⁷ Neste texto não farei uma reflexão interseccional, estou, pois, consciente dos limites das questões aqui tratadas.

terapêuticos ao autoconsumo que melhore a autoestima, sem, no entanto, questionar ou reivindicar mudanças na estrutura social que impacta sua existência. Lagarde (2001a) chama de adaptação funcional as atitudes das mulheres centradas em hábitos, imagens, atitudes e comportamentos no sentido de adaptarem-se aos valores hegemônicos que pregam um “ocupar-se de si” e valorizam o êxito pessoal.

Em oposição a esta mirada patriarcal, algumas abordagens críticas apostam na melhora da condição coletiva para uma melhora imediata de cada indivíduo. A autora lembra que, contendo uma crítica, tal abordagem centrada no coletivo não dá conta da perspectiva sociopolítica que relaciona autoestima com gênero, classe, etnia e condição cultural. Sem essa compreensão, vamos celebrar o alcance de algumas aspirações sociais e políticas, mas não transformamos integralmente nossa existência. “En ese camino muchas murieron, otras expusieron sus vidas o perdieron su libertad, otras más asumieron formas de vida precárias y peligrosas”. (LAGARDE, 2001a, p. 22). A partir disso seria necessário, na condição de feministas, dar atenção a aspectos íntimos, profundos e pessoais.

Este é o mesmo que alerta Xavier (2018) nos faz, e que Lagarde (2001a) reafirma: muitas mulheres experimentam uma elevação de sua autoestima no contexto da participação social e no desenvolvimento e intervenção política, mas seguem vivendo os mesmo problemas, como as violências pessoais, as feridas causadas pelo assédio e pela competição. Ela afirma:

Se ha desvanecido la ilusión de que la fuerza de las convicciones es suficiente para tener fortaleza personal, o de que el éxito y los avances políticos de género se traducen en mejoras personales de quiénes los impulsan. Se reconoce que aun mujeres que están en posiciones de avanzadas viven formas de opresión y no tienen recursos para evitarlo ni para superarlo. (LAGARDE, 2001a, p. 24).

Para Xavier (2019), compreender por que isso acontece passa por problematizar a premissa moderna da cisão entre corpo e mente. Perceber que isso é uma política de controle, que é o impacto do capitalismo sobre a anatomia que sabota a vida das mulheres: “nas relações que estabelecem com seus corpos, vida comunitária, ao acesso à terra, nos conhecimentos sobre a natureza”. (XAVIER, 2019, p. 34). Esse é o contexto que produz uma história das mulheres, suas relações com a democracia social e política e que produz um tipo de autoestima que precisa ser desnaturalizado e modificado.

No reconhecimento desse contexto, Lagarde (2001a, p. 13) nos orienta a refletir sobre a autoestima na perspectiva feminista e compreender este espaço de desejo, emoções e afetos como o lugar na construção da própria valoração, na necessária descolonização identitária e do resgate de seu sentido comunitário: “esta consciência y el anhelo de sentirnos bien aqui y ahora, y de extender para todas lo que ya tenemos algunas, son signos de la causa feminista de las mujeres”.

Retomando o sentido comunitário da autoestima, a autora relembra que para incidir sobre a realidade das mulheres, é necessário que as sociedades, instituições e pessoas assumam suas responsabilidades. Ou seja, no sentido de que a atenção às necessidades íntimas, afetivas e emocionais das mulheres não pode ser condicionada pelo atendimento de outras circunstâncias sociais (como a equiparação salarial, por exemplo).

Outro aspecto fundamental é o desenvolvimento de uma consciência crítica feminista sobre a vida pessoal das mulheres. Compreender que há uma relação dialética desta com a dimensão externa da vida social. Estes dois aspectos são imprescindíveis para o reconhecimento da humanidade das mulheres pois, segundo Lagarde temos “(...) derecho

a pensar por nosotras mismas y democratizar la atención de la subjetividade feminina desde una perspectiva feminista”. (2001a, p. 14).

Com essas considerações podemos avançar para além das igualdades formais entre as mulheres, que estão estabelecidas no âmbito legal, mas que não dão conta da complexa sociabilidade vivenciada por cada mulher, que depende das condições situadas das “mulheres” (LAGARDE, 2005, p. 15):

Y tenemos derecho también de hacernos cargo y cuidar cada una de nosotras mismas. Cuando las mujeres fortalecemos nuestra autoestima, somos las primeras a reparar nuestros daños, impulsar y sostener nuestro bien estar y concretar nuestras libertades al vivir.

Marcas das ações para impulsionar, sustentar e concretizar essas liberdades estão presentes nas partilhar feitas nas mídias sociais. A relevância deste novo espaço público é afirmada pelo pesquisador Manuel Castells (2013), a partir do contexto de uma teoria do poder que se relaciona com a construção de significados na mente das pessoas. Essa forma de poder, segundo o autor, é a mais decisiva e estável pois é garantida por meio de mecanismos de manipulação simbólica. As disputas pelo poder seriam, então, a batalha pela construção de significados. Nesse contexto, os usos das mídias sociais que emergem dos movimentos sociais – entre eles os mais diversos movimentos de mulheres – dão formas a um exercício de contrapoder, ou seja, visibilizam a capacidade das pessoas de desafiar os poderes institucionais para reivindicarem seus próprios valores e interesses.

Tais usos podem desafiar o Estado, a política representativa e a mídia hegemônica, que são confrontados pelas pessoas que se organizaram em rede, a partir de suas experiências compartilhadas em contextos de más condições econômicas, sociais e políticas: “[...] a humilhação provocada pelo cinismo e pela arrogância das pessoas no poder, seja ele financeiro, político ou cultural, que uniu aqueles que transformaram medo em indignação, e indignação em esperança de uma humanidade melhor.” (CASTELLS, 2013, p. 8).

No contexto de reflexão do autor, a comunicação ocupa um lugar central já que está tanto nas práticas das instituições de poder, como na base de todas as ações dos movimentos sociais no seu exercício de contrapoder, a partir do qual a “comunicação é o processo de compartilhar significados pela troca de informações”. (CASTELLS, 2013, p. 11). Assim, a comunicação socializada é a maior fonte de produção social de significados. Considerando que o processo de construção simbólica se sustenta nas mensagens e estruturas criadas, formadas e difundidas pelas mídias sociais, qualquer mudança no ambiente comunicacional afeta diretamente as normas de produção de significado, e, dessa forma, altera também as relações de poder.

Tanto os relatos das mulheres como as reflexões das autoras dão a ver que a ascensão e o reconhecimento profissional que conquistamos está em desequilíbrio com as relações afetivas que estabelecemos, especialmente no âmbito das relações heterossexuais com os homens. Da mesma forma que fica evidente o fato de este tema ter sido mantido na esfera privada, circunscrito às relações pessoais de cada mulher, limitado aos recursos que elas têm para elaborar suas experiências.

É em função disso que a comunicação que acontece no compartilhamento de experiências, como uma fonte de produção social de significados, pode contribuir para a incidência do pensamento feminista. O uso das mídias sociais por mulheres para relatar suas experiências no campo amoroso serve para introduzir na cena pública as suas

versões sobre as experiências amorosas, cujos relatos contradizem os aprendizados sobre o que esperar do amor. Assim, esses espaços se convertem em lugares onde suas histórias sejam ouvidas, consideradas importantes e dignas de serem analisadas, fazendo este tema ganhar a relevância pública necessária.

SOBRE ORGANIZAR A REVOLTA

Lagarde (2001a) nos propõe elementos para a construção de uma narrativa feminista sobre a autoestima considerando, como ponto de partida, a constatação de que vivemos em condições patriarcais, e que as atuais prioridades feministas devem ser as mudanças que envolvem a subjetividade e a vida cotidiana, bem como a consciência cultural pessoal das mulheres. Assim, não bastam ações em áreas como educação, trabalho e política para transformar a autoestima. O tema demanda ações específicas, “lo que no significa prescindir de esas acciones ni salir de esos espacios. Sino que urge modificar los espacios y lo que ahí sucede”. (LAGARDE, 2001a, p. 24).

Nesse sentido, articulando as dimensões pessoais e coletivas, as ações específicas devem ser orientadas por uma nova consciência do mundo, qual seja a autoconsciência feminista da própria identidade feminina (LAGARDE, 2001a); uma prática ética que além de eliminar as opressões, empreenda ações de reparação das feridas produzidas pelas violências e também uma ação paralela reparadora de uma mulher para com as outras.

Es notable ver, de manera paralela, la acción reparadora de unas mujeres con otras, cuando legitiman, apoyan y tratan de manera solidaria, terapéutica y ciudadana a otras mujeres, victimas de la violencia sexual, la guerra, la explotación, el maltrato conyugal y familiar, la discriminación política, la pobreza y la precariedad. Hoy dedicamos gran parte de nuestras energías vitales a nuestro fortalecimiento personal, porque estamos dañadas por vivir en un mundo que coloca las mujeres bajo dominio. (LAGARDE, 2001a, p. 25)

Deste modo, as ações reparadoras, desde uma ética político-feminista, têm como objetivo “(...) eliminar la tendencia sacrificial de las mujeres en la política e en otras esferas” (LAGARDE, 2001a, p. 25), o que dialoga diretamente com a possibilidade de outra narrativa sobre o que é, e o que poderiam ser, as possibilidades amorosas na vida de uma mulher, uma vez que nos roteiros do amor romântico, entre outros, a felicidade só é alcançada após longos períodos de sofrimento. Nesse modelo de vida amorosa, é esperado das mulheres doses de sacrifício que a tornam merecedoras do amor e de suas alegrias.

Os elementos para esta outra narrativa, com potencial de disputa na cena pública, dialoga diretamente com o processo feminista de pensar a autoestima elaborado pela autora. Esse processo a ser vivido pelas mulheres compreende: a) conhecer seus próprios recursos; b) visualizar suas qualidades e habilidades vitais; c) uma pedagogia entre mulheres, ou seja, sermos mestras e discípulas umas das outras para aprender entre nós e a partir de nossos saberes concretos; d) reconhecer nossos graus de autoridade como mulheres, baseados em nossa intelectualidade, nossos conhecimentos e nossas habilidades subjetivas para viver o reconhecimento dos aportes que cada uma faz a sua própria vida; e e) valorizar os aspectos pessoais e coletivos (LAGARDE, 2001a).

Essa outra narrativa entre as mulheres também cumpre ação reparadora ao admitir que as mulheres estão feridas por causa da opressão estrutural que converte as feridas em

marcas identitárias da feminilidade. A crença aprendida de que nossa natureza de gênero é precária leva a autodesvalorização. A reparação também pode ser lida como uma ação de empoderamento, em que pode emergir mudanças intensas na subjetividade feminina, e potencializar ações transformadoras sobre a própria vida. “Se trata de ir siendo, aqui y ahora, las mujeres que queremos ser”. Pois uma vez que tenha sua autoestima fortalecida, cada mulher é a primeira agente das mudanças em sua vida, a primeira defensora de seus próprios interesses “y la principal promotora de su sentido de vida, de su desarrollo y enriquecimiento vital de sus libertades y de su placer”. (LAGARDE, 2001a, p. 27-28).

Considerando que na autoestima estão implicadas o corpo, as formas de reagir e de relacionar-se, podemos afirmar que as marcas desta refletem as condições sociais da vida da mulher.

La autoestima, como amor a si misma y como amor propio, es el respecto a una misma, la capacidad de recibir para si sí misma todo lo bueno, y de cuidar vitalmente el propio Yo en su integralidad corpóreo-subjetiva, como ser-en-el-mundo, como mujer-en-el-mundo, con su territorialidad, su incidencia y su horizonte. Es decir, la autoestima tiene como definición una conciencia, una identidad de género y un sentido propio de vida. (LAGARDE, 2001a, p. 31).

A partir da compreensão da face estrutural da violência podemos entender o tipo de autoestima que vivenciamos e suas consequências, pois a autoestima e a experiência subjetiva são conscientes, mas são acionadas pelo inconsciente onde o desejo impulsiona a experiência. Esse desejo está moldado pela narrativa patriarcal apreendido pela observação das histórias femininas em geral, e pela história de cada mulher que participa da nossa vida.

Conformadas como seres-para-otros, las mujeres depositamos la autoestima en los otros y, en menor medida, en nuestras capacidades. La cultura y las cotas sociales del mundo patriarcal hacen mella en nosotras al colocarnos en posición de seres inferiorizadas y secundarias, bajo el dominio de hombres e instituciones, y al definimos como incompletas. (LAGARDE, 2001a, p. 32).

Nessa perspectiva, a autoestima feminista é experimentada desde uma versão concedida, ou seja, a experiência de ser valorizada, exaltada e aprovada sempre e quando cumprimos os estereótipos patriarcais, e aceitamos estar em segundo plano, nos colocando sob o controle exercido por outros.

Corresponder con los estereótipos y ser valoradas como bien portadas, muy trabajadoras, jóvenes eternas, bellas escultóricas, silenciosas admiradoras de los hombres, obedientes e inocentes criaturas en las parejas, las familias, las comunidades y el Estado, produce en la mayoría de las mujeres estados subjetivos de goce y autovalorización por el cumplimiento del deber y por la aceptación personal y social. (LAGARDE, 2001a, p. 33).

Considerando estas reflexões de Lagarde (2001a), é interessante dialogarmos com a pesquisadora mexicana Rosalía Winocur (2009), sobre o lugar do uso da internet por parte das mulheres, considerando os usos de todos os dispositivos. Ela parte do entendimento de que vivemos um cenário de incertezas pessoais e institucionais, e que, nesse caso, as mídias e as conexões facilitadas pelas tecnologias digitais ganham destaque porque contribuem para a gestão dessa incerteza. Nesse sentido, a internet e os dispositivos móveis nos possibilitam “recrear y nombrar permanentemente los vínculos familiares, creando realidades paralelas donde se multiplican los escenarios que nos confirman una y otra vez que existimos y que los otros existen para aliviar el sinsentido

que nos provoca la incertidumbre”. (Winocur, 2009, p. 85).

As investigações dessa autora nos permitem vislumbrar como os usos das mídias sociais se articulam à vida das pessoas, como possibilidade de recriar e nomear constantemente os vínculos e a realidade.

[...] la experiencia con la computadora, Internet y el móvil, no sólo se explica cómo un impacto directo de las múltiples posibilidades que brindan sus programas y aplicaciones, sino también, como consecuencia de una impronta social y cultural que encontró en dichas tecnologías un soporte simbólico ideal para expresarse. (Winocur, 2009, p. 15).

No que diz respeito aos relatos das mulheres sobre suas histórias amorosas, o conjunto dos fatos ali compartilhados recriam a ideia sobre as aportações que o amor traz à vida das mulheres e serve para renomear, nos termos delas, suas biografias amorosas. O gesto de compartilhar experiências, reescreve a narrativa patriarcal sobre os relacionamentos amorosos, sobre os casamentos e a vida sexual. Acessar o conjunto das narrativas das outras mulheres, suas denúncias e histórias de superação permite que cada uma amplie sua percepção sobre este aspecto de sua vida.

Nessa mesma linha de pensamento, Winocur (2009, p. 13) fala de visibilidade e capital social. “Las redes sociales on line nos vuelven absolutamente visibles y multiplican nuestro capital social [...] y, desde que estamos conectados nos sentimos menos solos, y más seguros”. Quanto mais os relatos das mulheres circulam, mais visíveis se tornam suas versões, fortalecendo simbólica e politicamente as suas vozes.

O traço em comum desses exemplos é o fato de abordarem temas/situações para os quais a sociedade patriarcal e androcêntrica já têm nomes e relatos consolidados; e que, desde uma perspectiva feminista se oferecem com outra roupagem e, com isso, renomeiam as experiências das mulheres nos seus próprios termos.

Dessa forma, compreendo que as discussões sobre autoestima, em uma perspectiva feminista, permitem vislumbrar o contexto a partir do qual se instauram os aprendizados e as experiências femininas no campo do amor. Uma das principais contribuições de relacionar os dois temas é tirar, de modo geral, o tema do amor da esfera privada e colocá-lo em relação às condições sociais de vida das mulheres. Inserir-lo no conjunto da sua vida e relacionar as condições de existência às condições gerais desta.

Estabelecer o diálogo da autoestima e do amor com as reflexões sobre o uso que as mulheres fazem das mídias sociais – para relatos de experiências neste campo – abre a possibilidade de aproximação com o gesto de compartilhamento e conexão que ali se dá. O conjunto desses relatos, sua circulação e acesso entre mulheres pode participar das funções reparadoras de uma mulher para com as outras. Ou seja, ao tomarem o tema do amor como passível de análise e discussão, promovem um contínuo recriar e renomear vínculos, aumentando o capital social das mulheres, recurso necessário para os enfrentamentos e reivindicações por relações mais justas.

CONDIÇÕES PARA VIVER A LIBERTAÇÃO

A experiência da valorização, nessa versão concedida, que as mulheres conhecem especialmente no espaço público, acontece no mesmo contexto que gera experiência de desarmonia, dor e violência nas relações amorosas vivenciadas no âmbito privado. Nesse sentido, Lagarde (2001a) aponta para o que chama de uma moral tradicional atualizada

que impacta sobre a construção da autoestima feminina. Na moral tradicional atualizada, as mulheres convivem com experiências de desvalorização, de insegurança, de medo, de falta de autoconfiança, de timidez, do autoboicote e da dependência vital em relação aos outros, associadas também à exaltação e supervalorização das situações de objetificação alienante, da competição entre mulheres e da adaptação maleável. Ao mesmo tempo, os contextos exigem performances de segurança, autovalorização, autoconfiança, competências e habilidades, além de independência e autonomia. Daí resulta que as mulheres são seres sincréticas:

Las mujeres modernas somos convocadas a ser ciudadanas con derechos (limitados), y con altas responsabilidades personales, sociales y políticas, así como a contentarnos con pocos y menores poderes en las relaciones personales, en nuestro desempeño, y en las instancias políticas de la sociedad. (LAGARDE, 2001a, p. 33).

No contexto da moral e do sincretismo, é exigido das mulheres viver o antagonismo de maneira simultânea, como uma condição natural, de onde deve emergir uma capacidade de ser feliz e bem sucedida. E essa capacidade se converte em um valor. Dessa forma, as mulheres vão se movendo entre exigências, glorificações e aprovações. Lagarde (2001a) afirma que esse contexto sincrético provoca a experimentação de sensações, afetos e pensamento rompidos em esferas-chaves da vida, em relação a fatos e coisas, resultando em uma composição contraditória na identidade. No que diz respeito às nossas vivências amorosas, isso implica que nosso sonhado empoderamento pode ser vivido na cena pública, mas fica trancando do lado de fora de nossas casas.

Por conta disso, a autoestima se produz associada às experiências antagônicas, à uma desestabilidade emocional e valorativa que reforça as dimensões de dependência vital das mulheres. Quanto mais binárias são essas contradições, maior é o senso de rompimento.

Es evidente que las crisis y los conflictos derivados del sincretismo en la autoestima implican un doble esfuerzo vital. Muchas mujeres no logran salir de esta problemática a lo largo de su vida porque no tienen recursos para hacerlos, lo que las mantiene en condiciones graves de sujeción, mala vida y daño. (LAGARDE, 2001a, p. 37).

O cumprimento desse sincretismo e os esforços para corresponder a esse valor consomem a força vital de muitas mulheres, cuja compensação é a sensação de estar em sintonia com o seu tempo, dentro de um contexto de conquistas feministas.

Porém, segundo a autora, algumas mulheres vivem em dissidência em relação ao mandato patriarcal. Lagarde (2001a, p. 38) nos diz que elas “redefinen, a pulso, cuerpo a cuerpo, subjetividade a subjetividade, su lugar en las relaciones y en el mundo desde la centralidade em su propia vida. Son mujeres libres aunque la sociedad no legitime sus libertades”.

Para viver tal liberdade, as mulheres assumem os desafios de enfrentar os conflitos do sincretismo e do rompimento, amparadas por uma experiência de fortaleza feminina. Esta fortaleza reúne mulheres “em asintonia”: elas não correspondem aos valores, aos mandatos, às tradições, aos modos de vida hegemônicos, estão em desacordo com as crenças coletivas e verdades naturalizadas.

No compaginar con lo hegemónico enajenante y descubrir que otras personas han sido disidentes en sus ideas, sus propuestas, sus experiencias y sus maneras de vivir permite sentir las afinidades y reconciliarse con una parte del mundo, así como autorizar por coincidencia, nuestra propia visión de las cosas. (LAGARDE, 2001a, p. 39).

Acessar o conhecimento da existência dessa dissidência promove a possibilidade da identificação com as mesmas e, assim, a percepção de poder estar em sintonia com outro modo de vida.

Ampliar los conocimientos sobre tales disidentes permite pertenecer a tendencias históricas, a comunidades imaginarias de coincidentes. Con ello se transforma la identidad referencial y es posible decantar la autoestima: el estigma desaparece, se convierte en un valor y en afectos positivos de pertenencia. (LAGARDE, 2001a, p. 39-40).

De acordo com a autora, é possível assumir a assintonia como um modo de ser e estar no mundo, como uma diferença filosófica, mas para isso é preciso construir – e as mulheres precisam acessar – uma linguagem, um discurso, um conjunto de valores e uma ética.

Os movimentos necessários para esta construção podem passar pelo que Giovana Xavier (2018, p. 56), desde a experiência de intelectuais negras, chama de transgressão: “transgredir passa por colocar a margem no centro com nossas próprias mãos, questionando noções universais de mulher, raça, beleza e reconhecendo experiências de gênero distintas em cada grupo racial”. Nesse contexto, a margem é o lugar onde as mulheres vivem suas dores e violências no campo do amor, e o centro poderia ser as mídias sociais, cumprindo esse lugar de visibilidade da dissidência e da assintonia apontadas por Lagarde (2001a).

Podemos reconhecer a força das mídias sociais como novo espaço de debate público, daí a importância de que os conhecimentos produzidos pelo feminismo também circulem ali. Giovana Xavier (2019), nessa mesma linha de pensamento, nos fala da necessidade de emprendermos movimentos aproximativos entre quem somos e aquilo que produzimos.

Contentar-se com pouco é silenciar os verdadeiros desejos. Vamos aprender a descartar os lixos que não podem ser reciclados. Caso contrário, viveremos da seguinte forma: lacrando em nossas vidas profissionais na rua e vivenciando relações afetivas desastrosas dentro de casa, como boa parte das nossas bisas, avós e mães. O feminismo precisa ser integral. Sua casa e com quem você trepa ou namora fazem parte dessa história. (XAVIER, 2019, p. 34).

No marco das experiências que ilustram esta reflexão – quadros 1 e 2 – é possível observar o uso que as mulheres fazem das mídias sociais, bem como compreender o lugar destas nas suas lutas. Nesse espaço virtual, elas elaboram suas versões sobre os acontecimentos, como nos casos de violência, por exemplo, que assim ganham novos espaços de visibilidade e circulação, impulsionando engajamentos individuais e coletivos. Ao acessar as versões postadas, outras mulheres podem reelaborar o entendimento do que lhes afetou/afeta. Dessa forma, podem “generar múltiples y diversos escenarios de ensayo, montaje y conexión de las piezas extraviadas” (WINOCUR, 2009, p. 89), reconstruindo suas histórias e ressignificando sua autopercepção.

Pensando nos relatos que as mulheres disponibilizam on-line, é possível pensar junto com a autora, de que quanto mais eles circulam, mais visíveis se tornam suas versões sobre a sociedade, fortalecendo simbólica e politicamente suas vozes. Sendo assim, o movimento político de trazer “o pessoal” para o espaço público, que já existia antes da emergência da internet, ganha agora um suporte estratégico/ideal, as mídias sociais.

Estas mídias podem ser o lugar de emergência e disseminação de uma linguagem que

permita às mulheres viverem a dissidência em relação aos roteiros do amor romântico, pois há a possibilidade de ir constantemente atualizando o discurso sobre o tema, renomeando as experiências. O contato e a possível apropriação desse discurso sobre o amor, todos os vocabulários/termos como “relacionamento tóxico”, “desconstrução do amor romântico” ampliam a percepção das mulheres sobre as experiências amorosas, ampliam seus horizontes de aspirações nos relacionamentos, atuando contra a insegurança de entrar numa “zona assintônica” nesta esfera da vida.

VIVER A LIBERTAÇÃO: AS MULHERES QUE QUEREMOS SER

“Libera ela / 'Cê 'tá roubando tempo / 'Cê 'tá ocupando o espaço do amor da vida dela / Libera ela / 'Tá atrasando os planos do casório / Do cachorro, do neném com a cara dela” (Rafa TORRES, 2020, música Libera Ela). Nos dias que cheguei à escrita dessa parte do texto e estava imersa no exercício de imaginar as sínteses possíveis para as reflexões propostas, ouvi, por acaso, uma publicidade da música acima. O anúncio na TV aberta em horário nobre destacava exatamente esse trecho com várias interseções, revelando, de um lado o investimento no seu lançamento, e do outro sua presumida rentabilidade que resulta do consumo do mesmo.

O conteúdo da letra expressa, no meu entendimento, a “ante sala” das experiências amorosas de violência que as mulheres têm relatado nas mídias sociais. Nesta letra está bem evidente o discurso patriarcal hegemônico sobre a esfera amorosa e o lugar das mulheres. Imersas nesse contexto, as mulheres aspiram outra vida, como nos lembra Lagarde (2001a, p. 35):

El bienestar es imaginado por las mujeres como la superación de los obstáculos vitales y el logro de metas personales concordantes con la época que vivimos. Eliminar la injusticia y los conflictos desgastantes, gozar y disfrutar de la vida, vivir en libertad, son los más caros anhelos de autoestima de más y más mujeres cada día.

Por isso, é necessário dar visibilidade aos recursos que permitam a elaboração de outra compreensão do que é e do que pode significar ser mulher e amar. Esta elaboração passa pela disputa narrativa sobre o que acontece com as mulheres na esfera amorosa, e sobre a proposição de elementos para a imaginação criativa sobre os amores que as mulheres podem viver. Esses elementos já estão presentes na produção feminista e circulam nos relatos das mulheres nas mídias sociais em forma de reflexões, questionamentos e atitudes.

Dessa forma, compreendo que tais relatos tem o potencial de desnaturalizar e desestabilizar os roteiros das histórias de amor estabelecidos a partir das relações entre os gêneros. Os relatos, que podem ser acessados por muitas pessoas nas mídias, alteram a biografia individual de quem faz o relato, mas também impacta na biografia de quem está nominado nele como os familiares, as amigas e os amigos, os maridos e as esposas, as namoradas e os namorados. Esses relatos alteram a biografia das mulheres e das pessoas do seu entorno.

O uso de tais dispositivos, por parte das mulheres por exemplo, vai produzindo um acúmulo de saberes e práticas, e, assim, produzindo redes cada vez mais amplas, abrindo brechas para fazer circular as vozes dissidentes e assintônicas que ainda permanecem invisíveis nos espaços de comunicação hegemônica.

A síntese dos temas que aparecem nos relatos permite vislumbrar uma ética entre mulheres a partir de alguns valores que marcam o gesto das mulheres que compartilham suas experiências amorosas. Um exemplo é a circulação dos termos feminismo/feminista. O uso destas palavras cumpre o papel importante de desestabilizar o estereótipo da mulher ativista e do projeto feminista, articulando-os com assuntos da esfera íntima das mulheres, que se utilizam do seu vocabulário para falar de seus amores.

Outro aspecto importante é que as mulheres, ao se exporem nos movimentos/coletivos, estão fazendo um conjunto de apostas (votos de confiança) nas possibilidades das mídias sociais na internet. Uma dessas apostas é a compreensão das mídias como espaço de acesso à informação para as mulheres e sobre a realidade delas. A outra aposta é que as mídias sociais cumprem um papel central no desvelamento dos sistemas de opressão, injustiça e desigualdade entre mulheres e homens. Finalmente, a aposta de que as redes podem oferecer condições de segurança e proteção para os momentos de desabafo e denúncias, e mais, que a ambiência protegida e solidária pode transbordar a tela do computador, ou do smartphone, e ganhar expressão e visibilidade off-line.

Outra ideia importante é a da autonomia feminina. São relevantes os indicativos de que as mídias sociais podem participar da construção de “outra” autonomia das mulheres que vivem a dissidência, em relação ao roteiro romântico e as expectativas sociais sobre suas vidas amorosas. Digo “outra” porque esta nova autonomia combina os processos de individuação do sujeito moderno com a partilha de experiências entre mulheres, que demandam a elaboração de significações no âmbito do coletivo e da solidariedade política entre mulheres.

Esta outra/nova autonomia que está em marcha carrega a potencialidade de uma renomeação das experiências amorosas vividas pelas mulheres, disputando politicamente com a sociedade patriarcal e machista, as narrativas sobre os sentidos do amor e seus desdobramentos. Nesse contexto é possível construir, e fazer circular, uma narrativa plena de sonhos e gestos inventivos para rimas mais justas e felizes, nas músicas e na vida.

REFERÊNCIAS

ALCOFF, Linda Martín. Uma epistemologia para a próxima revolução. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 31, n. 1, jan./abr., p. 129-143, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/2oEbXSm>. Acesso em: 18 maio 2018.

BALLESTRIN, Luciana. A América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciências Políticas**, Brasília/DF, n. 11, p. 89-117, 2013. Disponível em: <https://bit.ly/2tO9Ob3>. Acesso em: 01 set. 2018.

CASEROLA, Milena. **LUDDITAS SEXXUALES**. Ética amatoria del deseo libertario y las afectaciones libres y alegres. Buenos Aires: Coleccion (Im)Pensados, 2012.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**. Movimentos sociais na era da internet. 1ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

DE OTO, Alejandro; ALVARADO, Mariana (Org). **Metodologias em contexto**. Intervenciones em perspectiva feministas/poscolonial/latino-americana. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2017. p. 13-32.

ESTEBAN, Mari Luz. **Crítica del pensamiento amoroso**. Barcelona: Bellaterra, 2011.

FIORENAZA, Elisabeth S. **Caminhos da Sabedoria**: uma introdução à interpretação

bíblica feminista. São Bernardo do Campo: NhandutiEditora, 2009.

GASPAR, Juçara. **Frida Kahlo, à revolução!** Peça de teatro. Elenco e texto: Juçara Gaspar

Direção: Daniel Colin. Porto Alegre, fevereiro, 2019.

ILLOUZ, Eva. **O amor nos tempos do capitalismo.** Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

ILLOUZ, Eva. **Por qué duele el amor.** *Una explicación sociológica.* Madrid: Capital intelectual, 2013.

LAGARDE, Marcela de los Rios. **Claves feministas para la autoestima de las mujeres.** Madrid: Horas y HORAS editorial, 2001.

LAGARDE, Marcela. **Claves feministas para la negociación en el amor.** Managua: Puntos de Encuentro, 2001.

LAGARDE, Marcela. **Los cautiverios de las mujeres.** Madres posas, monjas, putas, presas y locas. Universidad Autónoma de México: México, 2005.

LUGONES, Maria. Colonialidad y Género: Hacia un Feminismo Descolonial. *In:* MIGNOLO, Walter. *et al.* **Género y decolonilidade.** Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2014. 94 p.

MILLER, D. *et al.* **How the world changed social media.** London: University College London Press, 2016.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala.** São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

VALDÉZ, Eduardo D. Reflexões teóricas sobre pensamento descolonial. *In:* **II Seminário Internacional Pós-Colonialismo, Pensamento Descolonial e Direitos Humanos na América Latina.** 2017, São Leopoldo/RS. Mesa redonda (anotações pessoais). Unisinos, São Leopoldo/RS.

WINOCUR, Rosalía. **Robinson Crusoe ya tiene celular:** la conexión como espacio de control de la incertidumbre. México: Siglo XXI: Universidad Autónoma Metropolitana, Unidad Iztapalapa, 2009.

XAVIER, Giovana. **Você pode substituir mulheres negras com objeto de estudo por mulheres negras contando sua própria história.** Rio de Janeiro: Malê, 2019.